

A interpretação analítica, a política da falta-a-ser e uma interposição da poesia concreta

The analytical interpretation, the politics of will-to-be and an interposition of the concrete poetry

DOI: [10.22481/lnostr.v13i1.17230](https://doi.org/10.22481/lnostr.v13i1.17230)

Alberto Warmling¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2158-5998>

E-mail: albertowarmling@gmail.com

Vinicius Anciães Darriba²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9986-6554>

E-mail: viniciusdarriba@gmail.com

Resumo

Neste artigo, apresenta-se um debate em torno da fundamentação da interpretação e da política da psicanálise, em aproximação aos teóricos e poetas concretos brasileiros. No que tange à psicanálise, nossa abordagem é uma teorização, centrada nos anos cinquenta do ensino de Lacan, sobre os fundamentos epistemológicos e estéticos da interpretação e de sua conexão com as questões filosóficas presentes na política psicanalítica. Nosso argumento é que tanto a questão teórica da interpretação quanto a política psicanalítica precisam ser pensadas a partir da dimensão essencial da fala e da linguagem como aspectos prioritários para a teorização da psicanálise. Nesse sentido, a apropriação lacaniana do estruturalismo, mediante a ênfase para o significante e a letra (*lettre*), interferem diretamente na proposta e na finalidade da interpretação analítica e nas discussões filosóficas presentes na formulação da política da falta-a-ser. Em vez de firmar uma posição de tipo filosófico, tal política aponta a relação do sujeito com a linguagem na experiência analítica como uma forma de descrever a posição do analista. Propomos, então, que a poética concreta permite estender o debate sobre a preocupação formal e o alcance da linguagem, os limites do sujeito na linguagem, bem como possibilita uma crítica para a tendência de aproximar a política da psicanálise a alguma ontologia.

Palavras-chave: Interpretação; Política da Psicanálise; Poesia Concreta.

¹ Psicanalista. Doutorando em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

² Professor Associado do Instituto de Psicologia da UERJ. Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Abstract

In this article, we engage in a critical debate on the foundation of interpretation and the politics of psychoanalysis, drawing connections with Brazilian concrete theorists and poets. Our approach is grounded in a theorization of Lacan's teachings from the 1950s, particularly his reflections on the epistemological and aesthetic dimensions of interpretation and their intersection with the philosophical concerns inherent in psychoanalytic politics. We argue that both the question of interpretation and the formulation of psychoanalytic politics must be examined through the essential lens of speech and language, which serve as fundamental determinants of conceptual grounding and analytic effects in psychoanalysis. Lacan's appropriation of structuralism, the primacy of the signifier and the concept of the letter (*lettre*), plays a crucial role in shaping the objectives of analytic interpretation and influencing philosophical discussions surrounding the politics of the will-to-be (*manque-à-être*). Rather than establishing a fixed philosophical stance, this political perspective foregrounds the subject's relationship with language within the analytic experience, offering a means of defining the analyst's position. We propose that concrete poetics provides a valuable framework for expanding the debate on the formal concerns and expressive scope of language, as well as the limitations of the subject within linguistic structures. Furthermore, it offers a critical perspective on the prevailing tendency to assimilate psychoanalytic politics into an ontological framework. By engaging with concrete poetics, we emphasize the necessity of considering the materiality and performativity of language, thereby challenging essentialist readings of psychoanalytic discourse and reinforcing its inherently dynamic and processual nature.

Keywords: Interpretation; Politics of psychoanalysis; Concrete Poetry.

Introdução

Em *A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder* (1958/1998), Lacan estabelece uma articulação entre a interpretação analítica e a política a que ela visa. No texto, Lacan parte da metáfora da tática de guerra de Clausewitz (1996) para apontar três domínios da análise: a tática, a estratégia e a política. Nestes se inscrevem, respectivamente, o campo da interpretação, a transferência e os princípios que guiam a análise. Sobre o analista em relação a esses domínios, Lacan (1958/1998) adverte que este se encontra menos livre na estratégia em relação à tática. Acerca da política, Lacan (1958/1998, p. 596-604) especifica pela posição do analista, “ele faria melhor situando-se em sua falta-a-ser (*manque-à-être*) que em seu ser”. Para ele, a política é um momento inaugural do processo analítico e consiste em um processo de “retificação do sujeito com o real”.

Partindo dessas condições, apresentaremos inicialmente alguns elementos que guiam a interpretação analítica; em particular, seus fundamentos epistemológicos e vinculados a uma poética (Lacan, 1953/1998). A seguir, apresentaremos a maneira como a política analítica entra

em contato com certas questões filosóficas. Podemos afirmar que há um dissenso, contido na formulação da falta-a-ser (*manque-à-être*), entre a dimensão significativa e a questão da metafísica do ser, que criam consequências distintas para o que se compreende como falta-a-ser. A novidade de nosso escrito – que iremos expor ao final deste artigo – é que a poesia concreta, ao mesmo tempo que traz questões para a poética em geral, oferece alternativas para a articulação entre a interpretação e a política. Uma vez que a questão lacaniana de fundo, pelo menos em um momento inicial, se situa entre a fala e a linguagem, utilizamos dos princípios da poesia concreta como uma interposição conceitual para pensar o alargamento dos limites formais da linguagem, que podem se expressar na interpretação, bem como, através desse movimento, efetivar uma crítica à aproximação da psicanálise a alguma ontologia em relação à linguagem.

1. A interpretação psicanalítica – entre epistemologia e poética

A adesão lacaniana ao estruturalismo, apesar de sua particularidade, enfatiza a linguagem como um *fator incontornável*. Ao mesmo tempo, a fala, como pontua Lacan (1958/1996, p. 647), é a via que detém “todos os poderes, os poderes especiais do tratamento”. Podemos sintetizar que a imanência da linguagem trazida para o seio da psicanálise tem como efeito induzir uma prática clínica que encontra na fala do analisante a referência de sua ação. Isto é, o que é interpretado é somente o que é falado pelo analisante. A indicação é que o analista “opera deixando-se guiar pelos termos verbais” de seus analisantes (Lacan, 1975/2016, p. 28). A fala não é simplesmente um meio para comunicar uma queixa. É, ao contrário, na forma mesma de conceber a queixa que localizamos o analisante em sua posição frente ao outro e ao mundo.

Em relação ao debate da interpretação, podemos começar com uma diferenciação freudiana. Freud (1904/2020, p. 67, grifo nosso) utiliza uma analogia elaborada por Leonardo Da Vinci que situa dois tipos de arte: *per via de porre* e *per via de levare*. A pintura seria um exemplo de arte *per via de porre*, enquanto a escultura seria um modelo de arte *per via de levare*. A pintura acrescenta algo, “*coloca* montinhos de tinta onde antes eles não existiam”, e a escultura “*retira* da pedra o necessário para revelar a superfície da estátua nela escondida”. Quanto à psicanálise, Freud assemelha a técnica analítica à arte *per via de levare*, pois “não

quer introduzir algo novo, mas quer tirar, extrair”, com o objetivo de remover os sintomas neuróticos.

Todavia, sabemos que a questão do objetivo da psicanálise mudou ao longo dos anos e Freud (1937/2020) se mostrou mais comedido quanto aos sucessos que ela promove. No entanto, nos interessa pensar que Freud fundamenta, ainda que indiretamente, a discussão entre a interpretação e a política em Lacan. Isto é, Freud faz referência a uma técnica, se remetendo à arte da escultura, ao passo que tal associação teve sua razão em virtude de um objetivo com o tratamento.

Nessa linha, podemos pensar os modelos privilegiados da interpretação lacaniana (equivocação, escansão, citação, etc.). Em comum entre elas está o fato de tentarem ser breves, pontuais, mínimas, situadas diretamente *na* fala. Podemos dizer que a interpretação lacaniana, mais reduzida e enxuta, é similar ao que Freud (1904/1973) havia dito sobre a arte *per via di levare*. O analista, com o material trazido pela fala do analisante procura *retirar* o material bruto, centrado pelo que é indicado pela política da psicanálise. De maneira breve, ainda sem entrar em detalhes sobre a falta-a-ser, podemos dizer que tal política se refere à ordem do sujeito e sua relação com o inconsciente determinado pela linguagem.

Para Lacan (1953/1998), a experiência analítica está situada no interior das leis de linguagem, que, por sua estrutura, são homólogas às leis do inconsciente. Portanto, são certos efeitos da fala que o analista deve mirar, cuja ordem são o da enunciação. Para Lacan (1960/1998, p. 848-852), é necessário se atentar à “hiância (*béance*), a pulsação, uma alternância da sucção”. Ou seja, sobre certas modulações da fala. Ainda nesse ponto, Lacan nota que esses efeitos de enunciação têm uma estrutura de fechamento. O inconsciente, na situação analítica, tem breves momentos de abertura, pequenas brechas. Não sem razão, portanto, a afirmativa de que é o “fechamento do inconsciente que fornece a chave de seu espaço”.

Retomando a distinção freudiana, portanto, parece contraintuitivo pensar a interpretação analítica *per via de porre*, em uma estrutura que é, por definição, de fechamento. Sobrepondo a teorização lacaniana sobre Freud, podemos dizer que é por causa do estatuto do significante, enquanto pura diferença, cujo funcionamento tem estrutura metonímica (Lacan, 1957/1998), que encontramos o equívoco de uma interpretação *per via de porre*, sugestiva. Na medida que há o significante, destituindo a possibilidade de um sentido único, a interpretação fica sem

efeitos na via da compreensão. O significante é cheio de significações e nunca é possível estar seguro sobre a escuta dos analisantes em torno das interpretações. Eis, portanto, uma maneira de assimilar outra fórmula de Lacan (1975/2016, p. 53): “a interpretação é feita para produzir ondas (*vagues*)”. Em outras palavras, efetivar ressonâncias e novos encaminhamentos na fala do analisante.

Seguindo o debate, convém mencionar a posição de Dunker (2016, p. 35). Para ele, são os fundamentos da retórica que determinam a discussão sobre a estética interpretativa. Para ele, a retórica é um campo preocupado com a eficácia de sua ação, de modo que as estratégias de convencimento e persuasão figuram como questões fundamentais nesse campo. A exemplo da psicanálise, na Retórica a “linguagem e a fala são considerados como veículos de transformação do sujeito”. Nessa via, do ponto de vista de uma prática que contém uma política, interpretar em psicanálise requer que efeitos sejam produzidos em vista de uma nova posição do analisante face ao seu desejo e sua história.

Porém, se a estética da interpretação requer um fundamento retórico, em virtude de um compromisso ético, isso não impede de avançarmos em um debate com questões trazidas pela poética. No interior do que é retórico há diversos elementos poéticos e vice-versa (Juliani; De Pietro, 2017). Além disso, há um vínculo estreito entre o retórico e as estratégias de convencimento implicados em uma sociabilidade do discurso de uma época. Dunker (2016) recorda que os tipos de interpretação praticadas por Freud, por vezes longas e esclarecedoras, têm pouca eficácia na clínica atual. O caráter de novidade da interpretação freudiana se incorporou à cultura e aquilo que parecia efetivo se torna um discurso convencional. Por sua vez, podemos afirmar que as poéticas são um campo privilegiado para encontrar invenções entre fala e linguagem. Os poetas são hábeis em retirar o que é convencional da linguagem. Suas operações, pensando na imbricação entre a fala e linguagem, podem se dar em zonas de convergência pouco evidentes.

Referente ao trabalho de Lacan (1957/1998), essa aproximação se faz a partir da ênfase atribuída ao significante. Em suma, a destituição do signo em prol da pura diferença significante e a elaboração em torno do que se produz *na* fala do analisante. A fala, segundo Lacan (1953/1998, p. 297, grifo do autor), contém um elemento de “*intimação*” que é indispensável para a psicanálise não se tornar uma experiência enrijecida pelo formalismo da linguagem. Podemos dizer que a mudança da arbitrariedade do signo para a cadeia significante é uma

maneira de valorizar aquilo que é criador na relação com a linguagem. Para o analista, é preciso estar atento para o que se passa na evocação da fala e o que se produz enquanto função simbolizadora, ainda que fora dos limites do signo. Podemos dizer que, ao seguir tal articulação teórica, o que está em questão é o compromisso com a experiência analítica, uma vez que a reconfiguração epistemológica, embora derivada do prenúncio estrutural via linguística, não é realizada sem considerar a realidade subjetiva do analisante. Não sem motivo, o conceito de subjetividade, noção incontornável das psicologias, Lacan (1953/1998, p. 299, grifo nosso) o define “na forma pela qual se *exprime* a linguagem”.

Para tanto, acerca da interpretação neste momento teórico de Lacan, Andrade (2013, p. 81, grifo nosso) afirma que esta:

Visa a localizar o que, na fala, pode tornar aparente o que ela não diz. Temos uma das aporias fundamentais da primeira clínica de Lacan: da fala é preciso extrair o que ela não revela. A análise, por ser uma experiência com a fala, espera que *a interpretação possa tocar através da fala o que ela mesma é incapaz de dizer*.

Podemos utilizar a descrição de Andrade (2013) para iniciarmos a aproximação com as poéticas.

Para tanto, nossas escolhas são o surrealismo e a figura de Mallarmé. Nessa via, sobre o surrealismo e a escrita automática³, no momento que defendia o aspecto formal e algébrico do conceito de metáfora, Lacan (1957/1998) elogia os surrealistas por terem demonstrado em sua escrita que toda forma de “conjunção de dois significantes seria equivalente à produção de uma metáfora”. Ele chama atenção que a “centelha poética” da escrita surrealista não decorre de um vínculo que faz do uso da língua uma imagética fechada do sentido. Para Breton (1924/1992, p. 276), “embaralhar a ordem das palavras” é “libertar a linguagem de sua servidão”. Bem como Lacan, os surrealistas produzem críticas às tentativas de controle do eu que podem se interpor entre fala e linguagem.

Não se trata, portanto, na poética surrealista, bem como na liberação da fala em análise, de parir uma imagem nova do real, mas destituir o propósito que se sustenta sob o que Lacan (1957/1998, p. 501) chamou de “sentido do sentido” (*meaning of meaning*). Nessa relação, a psicanálise e o surrealismo desconfiam de uma novidade poética cuja intenção se constrói sob fundo de “uma miragem de um altruísmo narcísico” (Lacan, 1957/1998, p. 512). Embora Lacan

³ Método praticado pelos surrealistas, influenciado pelo conceito de inconsciente e associação livre.

faça críticas à doutrina surrealista expressa no manifesto de Breton (1924/1992), “uma doutrina falsa”, especialmente pela incoerência com o seu modelo de inconsciente linguageiro, há uma afinidade estética que tem, como horizonte em comum, um ataque às ordens pretensamente morais e racionais em torno do controle da linguagem.

Quanto a outro vanguardista, senão o primeiro, Stéphane Mallarmé, uma das principais referências da poesia concreta, Lacan o menciona em alguns momentos ao longo de seu ensino. No entanto, apesar do poema máximo de Mallarmé⁴ ser objeto privilegiado para a maioria dos estudiosos, o que mais interessa ao psicanalista é o trecho de um ensaio, escrito pelo poeta, chamado *Crise do Verso* (1897/2010). Trata-se de um comentário de Mallarmé sobre a natureza da linguagem ordinária, da comunicação, que Lacan (1953/1998, p. 253) condensa sob a fórmula “a troca de uma moeda cujo verso e anverso já não mostram senão figuras apagadas”. O que o psicanalista interpreta de Mallarmé pode se situar em diversas direções, mas sua indicação mais precisa é a defesa que a linguagem, na medida que constituída pela fala, não pode ser capturada em uma descrição que se assemelha a uma “secreção do pensamento”. Podemos sintetizar que o recurso a Mallarmé aparece para rechaçar qualquer captura subjetiva em uma objetivação que pode haver entre sujeito e fala ou fala e linguagem (Anglada, 2023). Ambos, Lacan e Mallarmé, concedem um lugar de entusiasmo com a linguagem e despersonalizam o lugar do falante, o que na poesia de Mallarmé resulta em uma nova configuração sobre a forma do poema, seja pela abolição da estrutura do verso, mas também na morfologia do poema, pensando o uso dos espaços em branco.

A respeito da questão da interpretação, o peso dessas articulações vai se dar tanto no nível da estética da interpretação, quanto no efeito que pretende provocar. Em suma, o modelo lacaniano, ao tentar extrair pela interpretação o que ainda não foi possível de ser escutado da fala, coincide com seus acréscimos sobre a teoria do significante. Para Miller (1996/2012), a partir do conceito de letra (*lettre*), “estrutura essencialmente localizada do significante” (Lacan, 1957/1998, p. 507), reside um claro efeito poético na estratégia de interpretação lacaniana, que consiste em separar radicalmente o valor de significação atrelado ao significante. Nesse ponto, o grau de significância é maior quanto mais o poema se baseia no plano da letra.

⁴ Um Lance de Dados (*Un Coup de Dés*), Stéphane Mallarmé.

Para Miller (1996/2012), Mallarmé é um poeta que demonstra essa tática. Ou seja, a alteridade do significante não é o significado, no que a ação do analista colocaria em questão a ressonância semântica na intenção de obter novos significados. O conceito de letra, por seu elemento de traço, em menção à tipografia, e a sua propriedade fonológica, dá ao significante uma condição de marca. A constante irredutibilidade da fala em relação à linguagem tem como efeito colocar o peso para a condição de sujeito na estrutura da linguagem. Diante da linguagem e sua determinação, *o que fala? Quem fala?* São perguntas que Lacan (1958-1959/2016) se colocou diante dessa questão e, nessa via, a questão da política se faz inevitável.

2. A falta-a-ser e a política da análise – contra a ontologia

Iremos agora nos deter em questões filosóficas no cerne da política da psicanálise. Porém, é de bom tom seguir com certa cautela quanto ao sentido da filosofia no interior da teoria em psicanálise. Embora Lacan tenha discutido com inúmeros filósofos e abusado do vocabulário do ser, não é em um nível propriamente filosófico que costuma abordar questões para a psicanálise. Podemos lembrar que Lacan (1980) se declarou um antifilósofo em referência aos poemas⁵ de um autor dadaísta, Tristan Tzara.

A respeito disso, quem propõe uma tese sobre a antifilosofia em Lacan é o *filósofo* Alain Badiou (2018). Para Badiou (2018), antifilosofia não se trata de uma negação da filosofia, mas uma posição que é inquisitiva quanto aos propósitos do discurso filosófico. No caso lacaniano, há a especificidade de não se tratar de um filósofo, o que resulta que a antifilosofia lacaniana tem no analista uma “contra-figura do filósofo” (Badiou, 2018, p. 69). Além disso, um dos componentes centrais da antifilosofia lacaniana é a centralidade atribuída ao significante na discussão com a metafísica. Dito isso, em que pese concordarmos com a posição de Badiou, dimensionamos o conceito de falta-a-ser sem nenhuma intenção de firmar uma posição filosófica. Trata-se, no nosso entender, de uma noção que deriva da prática antifilosófica.

De todo modo, é possível apontar a questão do ser e da linguagem e dar detalhes sobre o que se convencionou chamar política da falta-a-ser em relação à política de uma análise (Lacan, 1958/1996). O objetivo desta seção é apresentar a ligação entre a falta-a-ser e o

⁵ “Manifesto do senhor aa, o antifilósofo” e “Monsieur aa o antifilósofo nos envia esse manifesto”. Tristan Tzara (2018).

programa lacaniano dos limites da fala e da linguagem. Nossa posição é que, tais conceitos, falta e ser, embora conjugados – com vínculos estreitos com a filosofia e o debate direto com a ontologia fenomenológica –, são, antes de qualquer coisa, indexados ao programa formal e à radicalidade da extensão do significante.

Para tanto, o termo “falta-a-ser” (*manque-à-être*) marca, por um lado, um momento de diálogo com o projeto fenomenológico, mas também uma particularidade do “jovem Lacan” (Žižek, 2016, p. 12). Ao utilizar a expressão falta-a-ser, Lacan estende seu debate sobre o desejo além de Hegel e entra – direta ou indiretamente – em diálogo com Sartre, que já havia utilizado a expressão “falta de ser” (Leguil, 2013)⁶. No entanto, em contraposição a Sartre, que recorre ao desejo como fato humano incontornável e justificativa dessa falta de ser, Lacan (1958/1996, p. 634) evita a saída humanista sartreana e insere o desejo como uma noção que tem relação direta com o nível da demanda endereçada ao Outro (A). Desse modo, a ideia sartreana do desejo é trazida para o interior da determinação formal da linguagem, sendo o desejo indissociável da condição de “existência do discurso” e dos “desfilamentos do significante”⁷.

Nesse ponto, Lacan está mais próximo à posição de Heidegger (Silva *et al.*, 2022). No texto *Carta sobre o Humanismo* (1946/1991), o filósofo alemão realiza algumas críticas sobre a estratégia sartreana de argumentar a precedência da existência sobre a essência, bem como para marcar o lugar da verdade do ser na linguagem. Todavia, para Žižek (2016), Lacan se contrapõe a Heidegger em relação ao ajuste entre ser e linguagem. O sujeito lacaniano é marcado por uma perda no nível simbólico, diretamente ligado aos extravios do corpo em relação à linguagem. Nessa linha, Heidegger ainda se mantém em um paradigma de harmonia entre *logos* e ser, a despeito de toda a crítica à metafísica realizada pelo filósofo alemão.

Porém, o que mais nos interessa em torno da falta-a-ser é a discussão conceitual em Lacan. Žižek (2016), ao ler o texto de Balmès (2002), recorda que falta-a-ser circunscreve uma ambiguidade ligada a uma tensão entre real, simbólico e falta (*manque*). O neologismo lacaniano permitiria duas interpretações possíveis. Por um lado, poderia se pensar que o simbólico introduziria a falta-a-ser no real, com o dado de que há uma rasa positividade do real

⁶ Lacan (1957/1998) também utiliza a expressão “falta do ser” (*manque de l'être*). Nesse caso, recorre ao termo para descrever o efeito da instalação do significante na relação de objeto.

⁷ Não à toa uma das definições de Lacan (1958/1966, p. 629) sobre o desejo está diretamente associado à estrutura de deslocamento da cadeia significante, em conjunto com a falta-a-ser: “o desejo é a metonímia da falta-a-ser”.

que precede o simbólico. Em outra via, seria somente o simbólico a introduzir o ser. O real estaria condicionado ao advento do simbólico.

Podemos preterir os comentadores e irmos diretamente para o seminário em que Lacan (1958-1959/2016, p. 408, grifo nosso) comenta a relação entre ser, simbólico e *real*. Tal trecho pode nos indicar uma outra leitura sobre a questão da falta no neologismo falta-a-ser:

Ora, um discurso não se sustenta sem algum suporte, e não é abusivo qualificar esse suporte por meio do termo “ser”. Afinal, se o termo “ser” quer dizer alguma coisa, se lhe dermos sua definição mínima, essa coisa é o real, na medida em que se inscreve no simbólico.

[...] É um real articulado *no* simbólico e que o ocupou para além do sujeito do conhecimento. Isso é, de fato, algo que merece ser nomeado como sendo, no sentido pleno, da ordem do ser.

Podemos dizer que as duas interpretações sugeridas por Žižek (2016), a partir de Balmès (2002), podem ser defendidas com esse trecho. Não é incomum, no caso de Lacan, discordâncias e interpretações distintas. No entanto, se sairmos de uma querela exegética, em relação a esse debate, nossa posição é que não há nesse momento a possibilidade de o real ser identificado a qualquer positividade, ou “rasa positividade”. Mesmo que a psicanálise esteja interessada em algum tipo de causalidade, não seria o desvelamento do real o interesse da teorização em psicanálise.

Nesse sentido, recorrer à estrutura da experiência analítica é a melhor maneira de assimilar a relação entre real e ser, e, por sua vez, a noção de falta compreendida nessa tensão. Para Lacan (1958-1959/2016, p. 408), a psicanálise se distingue da ciência e da filosofia por ser uma prática que se estabelece na “confidência, na confiança analítica”. A psicanálise não se pauta pela procura de algo que seja da ordem do mais verdadeiro, em que pese essa verdade ser a revelação de um real. O que é mais interessante na experiência analítica são os impasses de um sujeito que fala, o *sujeito falante*, diante de sua relação com a realidade. As negações, os tropeços, em suma, a gama de fenômenos descrita pela sintomatologia psicanalítica que revelam – precisamente – os desencontros e as discontinuidades entre o ser e um real puro. Nesse debate, Lacan localiza na objetivação científica e na teoria do conhecimento, desde Aristóteles, o apagamento da estrutura do sujeito no real articulado no simbólico.

Do nosso ponto de vista, a passagem de uma localização teórica da falta-a-ser, pela via filosófica, para adentrar na estrutura da experiência analítica, é imprescindível. Para Lacan (1958-1959/2016, p. 407), trata-se de se afastar da “perspectiva grega, aristotélica”, que

prefigura uma chance de “alcançar a identificação com o objeto”. Ao contrário da coincidência do investigador com o objeto, a experiência freudiana mostrou que o sujeito se desconhece no interior da cadeia significante, de modo que, quando “tenta abordar essa cadeia (significante) e nela se nomear, se localizar, precisamente ele (sujeito) não se acha”. Ele (sujeito) só está lá nos intervalos, nos cortes” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 409). Do ponto de vista psicanalítico, o sujeito não é identificável ao seu discurso, logo, não há correspondência entre pensamento e ser. Sem essa distinção, o termo falta-a-ser corre o risco de perder seu efeito na política analítica e ficar restrito em cenários ontológicos e de pouco domínio para os analistas.

A partir daqui, podemos retornar ao programa da fala e da linguagem. Para nós, tal perspectiva é incontornável para compreender o que se convencionou chamar de política de falta-a-ser como política da análise. O trecho definidor do programa é o seguinte: “O analista é ainda menos livre naquilo que domina a estratégia e a tática, ou seja, em sua política, *onde ele faria melhor situando-se em sua falta-a-ser do que em seu ser*” (Lacan, 1958/1998, p. 596, grifo nosso). Aqui, Lacan continua o comentário e elege como alvo a psicologia do ego. Ele acusa os analistas vinculados a essa linha de se identificarem com o seu ser e com o seu discurso, o que resulta em atuarem como “educadores autoritários”, garantidores da ideia de um sujeito inato, que adotam como medida do real um “ego autônomo”.

Face à questão filosófica que temos traçado, essa direção do argumento nada nos indica que o conceito de falta-a-ser poderia representar, por exemplo, uma aporia lacaniana sobre a relação entre *logos* e ser. O fato de o sujeito não se identificar com o seu discurso não pode, portanto, ser interpretada como condição ontológica da relação do sujeito com a linguagem. Colocar a noção de falta-a-ser como equivalente ao ser em psicanálise, como propõe Balmès (2002), seria, para nós, imprudente, uma vez que tenderia a desfavorecer a linguagem em sua variação semiótica ou poética, aprisionando a linguagem ao *status analítico* da realidade do sujeito com a linguagem.

Nessa via, concordamos em certo sentido com a crítica de Deleuze (1968/2018). Para ele, a elevação do conceito de falta em Lacan tem como consequência a produção de uma política analítica que ensina os analisantes a se resignarem infinitamente. Porém, poderíamos concordar com a crítica deleuziana se a fórmula lacaniana (1960/1966, p. 833) para a falta, “não há Outro do Outro”, estivesse situada em um nível ontológico. Todavia, por se tratar de uma terapêutica, que tem na interpretação analítica uma possível saída para o status de subordinação

do sujeito para com o significante, é necessário situar a fórmula – restritamente – sob a condição do sujeito na linguagem *na* experiência analítica. Nesse sentido, a linguagem, para Lacan, definida como deslizamento incessante da cadeia significante, situa o arco da falta na experiência analítica. Em vez de resignação, a falta (*manque*) corresponde somente ao fato de o Outro não poder representar a si mesmo (não há Outro do Outro), o que, em vez de resignação, valoriza o aspecto de produção e extensividade do conceito de significante.

Do mesmo modo, podemos usar essa perspectiva para o entendimento da noção de falta-a-ser. Em vez de uma formulação ontológica, interpretamos sua função no nível da ação do psicanalista. Portanto, não se trata de um novo capítulo de crítica à metafísica. O conceito de falta-a-ser – pelo menos no trecho que destacamos acima – consiste em uma indicação sobre a ação do analista, identificando a psicanálise à função mesma do analista. Trata-se de uma advertência sobre a política, no nível da realidade do discurso. No caso da psicanálise, sua ação pretende, diante dessa realidade do discurso, devolver ao sujeito seu espaço de liberdade diante da maquinaria formal.

3. A poesia concreta – a forma da linguagem e a mediação poética

Chegamos ao último momento de nosso escrito, após ter percorrido questões teóricas que estão implicadas no nível da interpretação e da política analítica. Ressaltamos que se trata de um momento específico do ensino de Lacan, circunscrito a um momento no qual diversas teorizações ainda se mostravam incipientes. A despeito da importância que o psicanalista atribuiu à poesia, em particular em seus últimos seminários, quando trouxe a poesia chinesa para o centro de seu trabalho (Andrade, 2013), nosso artigo se situa em uma tentativa de abertura para os limites do primeiro ensino de Lacan, em que pese a interpretação e a política.

Para tanto, uma breve introdução à poesia concreta. Trata-se de um movimento que tem sua origem no Brasil nos anos mil novecentos e cinquenta, na esteira de uma série de vanguardas. Entre os nomes fundadores e autores principais estão os conhecidos irmãos Campos, Haroldo e Augusto, e Décio Pignatari. Do ponto de vista da tradição poética, a poesia concreta pode ser lida em uma linha que, desde Mallarmé, preza pela valorização da estrutura formal do poema como o modo mesmo de conceber o alcance do sentido poético. Disso resulta o estilo claro e visual que marca a poesia concreta – pelo menos no seu início – nas conhecidas

estruturas geométricas, notórias nos trabalhos de Augusto de Campos. Acerca da lírica, o texto concreto é fortemente metalinguístico e com tendência para a economia de vocabulário.

Acerca do estilo concreto, pelo menos em sua “fase ortodoxa”, além da geometrização, suas características são a desvalorização da estrutura do verso, o uso dos espaços em branco da página e o apreço pela tipografia. Muitos poemas da poesia concreta exploram questões léxicas e mesmo etimológicas. A experimentação visual está no uso de fontes distintas da datilografia habitual e na impressão dos poemas com diferentes cores como uma forma de indicar a melodia rítmica do poema⁸.

De todo modo, embora seja de nosso interesse o trabalho poético desses autores, nosso recurso à poesia concreta está centrado na reflexão teórica que produziram em concomitância ao trabalho poético. Nessa via, Haroldo de Campos é uma presença notável, uma vez que se aproximou diretamente do trabalho de Lacan, contribuindo com traduções importantes de termos lacanianos, com importantes consequências teóricas. Foi Haroldo de Campos (1991; 1995) quem optou por traduzir *béance*, por hiância, e *lalangue*, por lalíngua. Além disso, também escreveu ensaios, nos quais ressalta o barroco e a importância da poética para Lacan. Além de uma afinidade direta, um maior interesse para o trabalho de Haroldo de Campos poderia se justificar no fato que, entre os poetas concretos, foi aquele que menos aderiu à tendência semiótica e visual, sendo conhecido por ser o mais verbal entre os três. Sendo a fala condição inexorável da psicanálise, a tendência verbal seria um fator de conexão mais evidente entre a poesia concreta e a teoria da psicanálise.

Porém, para avançar no fato epistemológico da poesia concreta se fazer presente neste artigo, podemos retomar algumas afirmativas de Lacan (1953/1998; 1955/1998; 1957/1998; 1958/1998; 1960/1998) que nos dão essa possibilidade. A primeira citação escolhida – e a mais longa – também é utilizada por Haroldo de Campos (1995) em um de seus ensaios:

A experiência psicanalítica descobriu no homem o imperativo do verbo e a lei que o formou à sua imagem. *Ela maneja a função poética da linguagem* para dar ao desejo dele sua mediação simbólica. Que ela os faça compreender, enfim, que *é no dom da fala que reside toda a realidade de seus efeitos*; pois foi através desse dom que toda realidade chegou ao homem, e é por seu ato contínuo que ele a mantém. (Lacan, 1953/1998, p. 323, grifo nosso).

⁸ A ver, por exemplo, Poetamenos, de Augusto de Campos (1973).

Essas colocações de Lacan nos dão a chance de revisitar outro momento, no qual também fala sobre “imperativo do verbo” no *homem*, mas acrescido do neologismo da falta-a-ser. A respeito disso, além da indicação da falta-a-ser na política, que, como interpretamos, indica o lugar do psicanalista advertido da estrutura da linguagem em análise, Lacan (1960/1998, p. 661, grifo nosso) também utiliza o termo para descrever o status do *sujeito*: “o drama do sujeito no verbo é que ele experimenta ali sua falta-a-ser”. Nesse trecho, Lacan se refere ao conceito mesmo de sujeito em sua teoria, articulado à cadeia significante, em contraposição ao sentido genérico de um homem universal, que poderia sugerir uma vinculação teológica, se pensarmos em referência ao evangelho de São João⁹.

Ao contrário disso, o contexto que realiza essa afirmação diz respeito a uma crítica a Lagache, que, segundo Lacan (1960/1998, p. 662), entendia a relação intersubjetiva como uma relação do “outro do semelhante”. A origem do sujeito, para Lacan, “surge dos significantes que o abarcam num Outro”. Ou seja, o que a psicanálise tem de mostrar é que, para além da estrutura intersubjetiva que localiza o sujeito em uma posição reflexiva e, para tanto, como um objeto, seria necessário apontar que essa mesma posição de objeto é mediada por uma relação com uma estrutura transcendental, o Outro (A). É a partir desse Outro que a questão do desejo e do sujeito se coloca.

É na mediação imposta pelo Outro que se configura a relação do desejo do sujeito com sua condição de objeto. Podemos dizer que, nesse ponto, enquanto ligada ao Outro, a estrutura da poética, a ação da poesia, pode intervir para deslocar algumas incompreensões sobre a estrutura do sujeito e do desejo na linguagem. Nesse sentido, vale lembrar que, em torno da homologia do inconsciente com as leis de linguagem, a leitura de Lacan sobre o mecanismo da condensação (Freud, 1900-1901/1986) é feita a partir da metáfora. Porém, para além disso, Lacan (1957/1998, p. 515) aponta que a condensação guarda uma “conaturalidade” que é identificada com o mecanismo da poesia. Ele justifica, se utilizando do princípio mesmo do mecanismo de condensação, “uma superposição de significantes”, observando que o vocábulo freudiano para condensação, *Verdichtung*, condensa, em si mesmo, *Dichtung* (poesia, ficção).

Em outro momento, utilizando o título da autobiografia de Goethe, Lacan (1958/1998) propõe articular *Dichtung* (poesia, ficção) e *Wahrheit* (verdade). Trata-se de uma proposta

⁹ No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Evangelho de São João, 1:1.

contida no interior de um argumento que criticava as análises psicológicas sobre os escritores, cuja tendência muitas vezes está interessada em descortinar o escritor, sua obra, a partir da vida privada. Lacan, em uma tensão com o livro de Proust sobre o seu processo de escrita, “Contra Saint-Beuve”, afirma que, apesar de concordar com Proust que são dados de uma vida que constituem o material da mensagem do escritor, isso não muda o fato dessa mensagem ficar reduzida, em última instância, ao seu emprego como material. Isso seria verificável, justamente, pelo fato de os escritores muitas vezes não se reconhecerem em sua mensagem; em outras palavras, é no escrito e não no escritor que encontramos a função psicologizante. Nesse sentido, Lacan (1958/1998, p. 752) sugere que haveria uma “nudez” existente entre os dois termos, *Dichtung* e *Wahrheit*. A partir desse momento, Lacan (1958/1998, p. 752) segue com uma formulação que pretende explicar o princípio dessa “nudez”. Isto é, o que pode haver entre poesia e verdade, ou ficção e verdade? Para Lacan, o “próprio *fato* da operação poética deve deter-nos, antes, nesse *traço* que se esquece toda a verdade: que ela se revela numa estrutura de ficção”.

Sem dúvida pode se tratar de um trecho criticável, principalmente por uma espécie de tautologia contida na formulação. Além, é claro, do intrincamento dos termos, para dizer, no mínimo, ousado, do ponto de vista teórico. No entanto, o que parece interessante desse argumento é retirar dessa afirmação o fato que, em matéria de poética, não se trata do trabalho contido na manipulação do escritor dessa escrita, à semelhança de um traço realizado a partir de um processo de internalização. Nesse caso, voltaríamos ao paradigma da psicologia do autor.

Do ponto de vista da psicanálise, em relação à realidade imposta pela linguagem, trata-se da poética como mecanismo de condensação. A mensagem, por mais trabalhada, editada e reconfigurada pelo escritor, não deixa de guardar a verdade *no* material, como um efeito mesmo da condensação. Por esse motivo, é o traço que situa o lugar da verdade que, ao mesmo tempo, paradoxalmente, esconde e mostra o escritor. Não sem motivo, portanto, a ênfase da interpretação analítica ser dirigida pela letra (*lettre*), em vista do traço. Nesse ponto, para Lacan (1955/1998, p. 28), é a poética de Joyce que se faz presente como uma referência para o conceito, porque, ao brincar com a variação homofônica, *letter* e *litter*, Joyce manipula o significante, apontando, na letra (*lettre*), sua materialidade, um lixo: “A *letter*, a *litter*, uma *carta*, uma *letra*, um *lixo*”.

De todo modo, após essa série de indicações sobre o valor da poética na experiência analítica, qual poderia ser, então, o valor da poesia concreta? Em que medida isso pode tensionar a posição da interpretação, movida pela letra, e o domínio da falta-a-ser na política? Para nós, a tese que parece mais adequada, a partir dessas condições, consiste em pensar que a poesia concreta é uma poética que se efetiva a partir de um acento, uma prioridade para a letra, especialmente a partir da materialidade que ela suporta. A poesia concreta avança em diferentes flancos diante dessa materialidade. Enfim, para justificar essa posição, recorreremos ao ensaio de Augusto de Campos (1975, p. 34), a respeito do sentido da poesia *concreta* e a sua caracterização:

Concreta no sentido em que, postas de lado as pretensões figurativas da expressão (o que não quer dizer: posto à margem do significado), as palavras nessa poesia atuam como objetos autônomos.

[...] os poemas concretos se caracterizam por uma estruturação ótico-sonora irreversível e funcional e, por assim dizer, geradora da ideia, criando uma entidade todo-dinâmica, “verbicovisual” – é o termo de Joyce – de palavras dúcteis, moldáveis, amalgamáveis, à disposição do poema.

Entre outras coisas, é interessante notar como a questão do significado não está ausente da discussão, ao mesmo tempo que está desatrelado da vertente ligada à expressividade. A respeito disso, é importante não perder esse dado de vista, uma vez que a questão da interpretação, que, para nós, se sustenta na psicanálise por uma prática da letra, não é desvinculada do significado. Sobre isso, a afirmativa de Lacan (1958/1998, p. 600) é que a posição do significado está no significante. Para ele, conceber algo novo através da interpretação consiste em exercitar os “modos de efeito do significante no advento do significado”. Por sua vez, aproveitando-se da continuidade entre significante e letra, podemos sugerir que, no caso da poesia concreta, a sua poética se baseia no exercício dos modos de efeito da letra.

Em vista dessa ideia, podemos recorrer a outros dois ensaios de mesmo período, escritos, respectivamente, por Pignatari e Haroldo de Campos. Os dois enfatizam o caráter fonemático, valorizado por Lacan, ao passo que utilizam outros princípios formais para guiar a escrita da poesia concreta. Podemos dizer que eles propagam a ideia de uma poética pautada por um aspecto radicalmente morfológico, com todos os meandros que isso implica, cujo fim está em explorar o sentido posicional da linguagem. Há um importante uso do espaço, uma

“cronomicrometragem do acaso”, como afirma Pignatari (1975, p. 42, *grifo nosso*), em um diálogo direto com o poema de Mallarmé. Com efeito, isso é bastante interessante para pensar o potencial que a poesia concreta pode oferecer no quadro da interpretação e mesmo no plano do significante e da letra. Podemos dizer que existe uma sensibilidade notória na criação concreta, que implica a poesia do visual ao auditivo, sem que isso constitua uma espécie de déficit entre escalas da percepção. Em outra expressão de Pignatari, isso se aglutina na seguinte forma: “o olhoouvido ouvê”.

O irmão mais velho, Haroldo de Campos (1975, p. 46), também não deixa de lembrar que, além da dimensão “gráfico-espacial”, “acústico-oral”, também há a “dimensão conteudística das palavras” na poesia concreta. Ou seja, não se trata de privilegiar somente o apelo ao formal que estaria contido nas duas primeiras dimensões, rejeitando o conteúdo por sua história pregressa na poesia moderna, marcada pela expressividade. Na verdade, trata-se de retomar essas três dimensões agindo em seus comandos; isto é, “os comandos da palavra”. Isso se faria em um jogo de espelhos entre essas três dimensões, que se estimulariam entre si, “num circuito reversível liberto dos amortecedores do idioma de comunicação habitual ou de convênio livresco”. Em torno dos modos da letra, isso se faria, para Haroldo de Campos, na exploração do ideograma (Pound), do palimpsesto (Joyce), na pulverização fonética (Cummings) e no método prismático (Mallarmé).

Para finalizar, ainda cabe uma colocação em torno do problema da falta-a-ser. Nesse ponto, há um fato histórico e teórico interessante, porque Haroldo de Campos (1995) faz uma tradução do neologismo lacaniano *manque-à-être*, em português, falta-a-ser. Ele verte o sintagma por “carência de ser”. Trata-se de um dado importante, visto que Haroldo de Campos pratica um método de tradução fortemente influenciado pela função significante. Pode-se dizer que o seu método tradutório, a “transcrição”, sem deixar de lado o sentido léxico dos termos, tenta criar em outra língua uma espécie de afinidade poética entre o falante nativo e o estrangeiro. Além disso, o neologismo lacaniano é objeto de discussão entre comentadores de Lacan. Bruce Fink (2024), tradutor dos *Escritos* para o inglês, recorda que Lacan sugeriu a tradução *will-to-be* para *manque-à-être*. Nesse caso, se pensarmos que a tradução do inglês é a mais adequada, visto a indicação do próprio Lacan, “falta-para-ser” seria uma opção viável. Com essa tradução, pode-se dizer que ela explora sentidos do ser do analista (falta-a-ser) de outra maneira; isto é, o ser não pode se realizar ou o ser não é realizável. Caso se realize, isso

acarretaria em riscos no exercício do poder analítico. De todo modo, sem entrar no mérito de tradução e suas consequências, podemos dizer que a posição que a poesia concreta pode oferecer para o problema da falta-a-ser, pensando o eixo de nosso artigo, seria a recusa – pela via poética de mediação simbólica – da possível destinação ontológica que o neologismo encontraria na psicanálise. A saber, a falta-a-ser como um dado, um conceito ontológico que constituiria uma aporia entre *logos* e ser e fundamentaria a política analítica.

Ao contrário, seria importante lembrar que a relação que Lacan (1958/1998, p. 619-621) mantém com o ser passa diretamente pelo Outro: “é a relação com o Outro onde o ser encontra seu status”. Porém, como acentuamos, o Outro não é simplesmente uma entidade transcendental que equivaleria ao ser, mas um campo que é regulado por uma mediação poética situada na linguagem. Apesar de Lacan deixar claro que o ser do analista constitui um dado fundamental da experiência analítica, um dado no “nível operatório”, a apropriação desse termo não nos parece, de modo algum, ter algum vínculo estritamente ontológico. Tanto assim que, entre os argumentos seguintes a esse trecho, Lacan afirma que foi a escola literária aquela que melhor se permitiu guiar pelo princípio da falta-a-ser. Aqui, coerentemente, o *poeta* Pignatari (1975, p. 43) pode sintetizar nossa posição: é preciso renunciar à “disputa do absoluto”.

Referências

ANDRADE, Cleyton Sidney de. A interpretação analítica e a escrita poética chinesa. Tese (Doutorado em Estudos Psicanalíticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

ANGLADA, Carolina. Lacan leitor de Mallarmé. **Lacuna: uma revista de psicanálise**, São Paulo, n. -15, p. 9, 2023.

BADIOU, Alain. **Lacan: anti-philosophy 3**. New York: Columbia University Press. 2018.

BALMÈS, François. **Lo que Lacan dice del ser** (1953-1960). Amorrortu. 2002.

BRETON, André. Manifesto do Surrealismo, In: BRETON, André. **Manifestos do Surrealismo**. Rio de Janeiro, Nau Editora, (p. 13-64). 2001.

CAMPOS, Augusto de, PIGNATARI, Décio, CAMPOS, Haroldo de. **Teoria da poesia concreta**. (Textos críticos e manifestos 1950-1960). Livraria Duas Cidades. 1975.

CAMPOS, Augusto de. **Poetamemos**. São Paulo: Edições Invenção, 1973.

CAMPOS, Augusto de, PIGNATARI, Décio, CAMPOS, Haroldo. **Mallarmé**. Editora Perspectiva. 1991.

CAMPOS, Haroldo de Campos. O afreudisíaco Lacan na galáxia de lalíngua (Freud, Lacan e a escritura). *In*: CESAROTTO, Oscar, LEITE, Márcio Peter de Souza. **Ideias de Lacan**, 175. 1995.

CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Editora Paz e Terra, 2018.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. A estética da interpretação. *In*: DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Por que Lacan?** São Paulo. Zagodoni. 2016.

FINK, Bruce. Notas Finais do Tradutor – Écrits. **Revista Derivas Analíticas**. Nº 21 - Agosto de 2024.

FREUD, Sigmund. **La interpretación de los sueños**. *In*: FREUD, Sigmund. Obras completas V. Traducción de José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores. (1900-1901/1986).

FREUD, Sigmund. Sobre psicoterapia. *In*: FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução Cláudia Dornbusch. Editora Autêntica. Belo Horizonte. (1904/2020).

FREUD, Sigmund. A análise finita e a infinita. *In*: FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução Cláudia Dornbusch. Editora Autêntica. Belo Horizonte. (1937/2020).

LEGUIL, Clotilde. Usos lacanianos de la ontología. Virtuália - **Revista Digital de la Escuela de la Orientación Lacaniana**, (27). 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. Editora Moraes. (Originalmente publicado em (1946/1991).

JULIANI, Taline Janine, DE PIETRO, Matheus. A “poesia retórica” e a “retórica poética” em Aristóteles (Observações sobre o recurso da metáfora na teoria aristotélica da persuasão). **Revista Alere**. 15(1), 393-412. 2017.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Jorge Zahar. (1953/1998).

LACAN, Jacques. Seminário sobre “A carta roubada”. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro. Ed. Zahar. (1955/1998).

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro. Ed. Zahar. (1957/1998).

LACAN, Jacques. Juventude de Gide ou a letra e o desejo. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro. Ed. Zahar. (1958/1998).

LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Jorge Zahar. (1958/1998).

LACAN, Jacques. **O seminário livro 6: O desejo e sua interpretação (1958-1959/2016)**. Jorge Zahar.

LACAN, Jacques. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade”. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro. Ed. Zahar. (1960/1998).

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Jorge Zahar. (1960/1998).

LACAN, Jacques. Posição do inconsciente. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Jorge Zahar. (1960/1998).

LACAN, Jacques. Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines. **Scilicet** n° 6/7, p 32-37. 1975.

LACAN, Jacques. Monsieur A. Recuperado em 04/11/2024: nosubjet.com/Monsieur_A. 1980.

MALLARMÉ, Stéphane. Crise de verso. *In*: MALLARMÉ, S. **Divagações**. Tradução e apresentação Fernando Scheibe. Florianópolis: Ed. Da UFSC, p. 166, 2010.

MILLER, Jacques-Alain. O escrito na fala. **Opção Lacaniana online**. Nova série Ano 3. Número 8. Julho.

SILVA, Alberto, et al. (2022). A Teoria do Desejo em Lacan como Crítica ao Realismo Ingênuo do Eu. *Revista Subjetividades*, 22(3), e13073. 22 de novembro de 2024.

TZARA, Tristan. **Seven Dada manifestos and lampisteries**. Alma Books. 2018.

ŽIŽEK, Slavoj. Por que Lacan não é heideggeriano? *In*: ŽIŽEK, Slavoj. **O sujeito incômodo** (o centro ausente da ontologia política). Editora Boitempo. 2016.

Submetido em: 24/07/2025

Aprovado em: 30/07/2025